

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA GEOVÂNIA DE SOUZA GOMES

MEMÓRIA E EROTISMO EM MISSA DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS

MOSSORÓ/RN
2021

MARIA GEOVÂNIA DE SOUZA GOMES

MEMÓRIA E EROTISMO EM MISSA DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Maria Remígio Osterne.

MOSSORÓ/RN
2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S729m Souza Gomes, Maria Geovânia de
Memória e erotismo em Missa do Galo, de Machado de
Assis. / Maria Geovânia de Souza Gomes. - UERN-
Universidade do Estado do rio Grande do Norte, 2021.33p.
Orientador(a): Profa. M^a. Ana Maria Remígio Osterne.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas)). Universidade
do Estado do Rio Grande do Norte.
1. Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas
respectivas Literaturas). 2. Memória. 3. Erotismo. 4. Missa
do Galo, de Machado de Assis. I. Remígio Osterne, Ana
Maria. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.
III. Título.

MARIA GEOVÂNIA DE SOUZA GOMES

MEMÓRIA E EROTISMO EM MISSA DO GALO, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em ___/___/_____.

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Ana Maria Remígio Osterne – UERN
Orientadora

Prof. Dr. Marcos Vinícius Medeiros da Silva - UERN
Examinador

Prof.^a Ma. Camila Praxedes de Brito – SEEC/RN
Examinadora

Dedico esta monografia a minha avó Geralda Elisa Rodrigues - em memória -, pelo incentivo e exemplo. A responsável por compartilhar conosco suas maiores riquezas: Deus, amor, persistência e sabedoria.

AGRADECIMENTO

A gratidão é uma das atitudes mais nobres do ser humano, pois o torna um ser abençoado e é exatamente assim que me considero.

Deus tem feito maravilhas em meus dias, por isso, sou grata. Presenteou-me com os melhores avós: Geralda Elisa e José Victor, pois repassaram seu amor para mim. Sou feliz e agradecida por ser filha de Edileuza Souza, mulher forte, honesta, capaz de matar um leão por dia em uma cozinha para conceder-me o que lhe foi negado – os estudos – e o melhor de seu sentimento: amo você, mãe.

Para continuar a minha lista de agradecimentos quero honrar meu pai, Geovân Santos, que me privilegiou com sua justiça, respeitando-me, mesmo não estando sempre presente, mas estou certa que tenho seu carinho quando precisar.

Gratidão ao meu companheiro Carlos Alexandre, por sua sensibilidade e incentivo diário, sabemos que não foi fácil.

Devo lembrar dos meus filhos: Matheus Leandro, Mércia Hanna e Pedro Henrique que são minhas molas propulsoras em busca de dias melhores e agradecer por eles terem paciência e entendimento, pois sabem que desejo o melhor para nós.

Aos meus pais sou grata, também, por não negligenciarem meu direito de estudar, por causa disso aprendi sobre o mundo, conheci pessoas maravilhosas durante a minha caminhada até aqui.

Agradecer a amiga/irmã Glacilene Pires, que acreditou em mim, segurou minha mão, dedicou horas para ensinar-me, jamais esquecerei.

À Rozilene Ferreira, sobretudo, por sua amizade, seriedade e compromisso ao ensinar-me, sempre que necessário, sobre a escrita acadêmica.

Ao amigo Carlos Eduardo, “o gramático”, por repassar seus conhecimentos acerca das regras normativas da gramática.

A todos os meus professores e mestres que são excelentes, ademais, sou privilegiada, pois, são exemplos de superação, empatia e companheirismo. Dedicaram boa parte de seus dias ao ensino e repassaram suas experiências de maneira honrosa nas condições que tinham.

À toda equipe da FALA – Faculdade de Letras e Artes - do zelador ao reitor.

Faço uma ressalva e um agradecimento especial para Lúcia Rocha, que me ensina sobre livros, escrita e a vida.

À professora Ana Remígio, que participou ativamente com a pesquisa desta monografia, principalmente, motivando-me e enxugando minhas lágrimas quando precisei e quis desistir.

À Ana Maria Machado, por disponibilizar o material formatado e incentivar-me com sua simpatia e saberes diversos.

À Josefa de Jesus, por ter uma mensagem positiva e dicas valiosas, sempre.

À Edmar Peixoto, Deusdete Fernandes e Gilson Chicon, pois a ajuda dessas pessoas foi imprescindível em diversas etapas na minha vida acadêmica.

Agradeço por aceitarem participar da banca examinadora Marcos Vinícius e Camila Praxedes. Foram essenciais e especiais nesse percurso.

Por fim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente na minha jornada escolar e acadêmica.

Pela maior parte da História, 'anônimo' foi uma mulher (Virginia Woolf).

RESUMO

Esta pesquisa visa investigar os elementos relacionados ao erotismo presente na cena e a linguagem corporal dos personagens de *Missa do Galo* de Machado de Assis, para determinar uma possível ambientação de sensualidade/erotismo. Como objetivos específicos, apresentaram-se algumas diretrizes direcionadas a situações que buscassem apresentar a mulher, o casamento e a sociedade no século XIX, abordar conceitos teóricos sobre a memória do narrador personagem no conto machadiano e a intimidade burguesa, analisar a cena e as tramas sensuais dos personagens. Como Fundamentação teórica, tomou-se a obra de Eclea Bosi, em seus escritos sobre *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2001). Sobre o Erotismo, apoiamos-nos na obra de Georges Bataille, *O Erotismo* (1987); para a contextualização sobre a situação da mulher e da sociedade, no século XIX, baseamos-nos nos textos de Mary del Priore, dentre eles, *História Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011), Realizada, então, por meio de uma pesquisa bibliográfica. A metodologia utilizada será leitura e análise interpretativa. Como resultados, percebeu-se que há elementos eróticos presentes no conto, em contrapartida, não há a presença de afirmativas de sedução relacionadas ao comportamento da personagem Conceição. Assim, foi possível concluir que através da leitura o ser humano é capaz de construir e desenvolver criticidade, possibilitando um grande crescimento, social, humano e acadêmico.

Palavras-chave: Memória. Erotismo. *Missa do Galo*. Machado de Assis.

ABSTRACT

This research aims to investigate the elements related to the eroticism present in the scene and the body language of the characters from Machado de Assis's *Missa do Galo*, to determine a possible sensuality/eroticism setting. As specific objectives, if some guidelines directed to situations that seek to present women, marriage and society in the nineteenth century, address theoretical concepts about the memory of the narrator character in the Machadian tale and bourgeois intimacy, analyze the scene and the sensual plots of the characters. As theoretical foundation, the work of Eclea Bosi was taken, in his writings on memory and society: *remembrances of the elderly* (2001). On Eroticism, we rely on the work of Georges Bataille, *O Eroticism* (1987); for the contextualization of the situation of women and society in the nineteenth century, we base ourselves on the texts of Mary Del Priore, among them, *Intimate histories: sexuality and eroticism in the history of Brazil* (2011), carried out, then, through a literature search. The methodology used will be reading and interpretive analysis. As a result, it was induced that there are erotic elements present in the short story; on the other hand, there is no presence of seduction statements related to the behavior of the character Conceição. Thus, it was possible to realize that through reading the human being is able to build and develop criticality, enabling great growth, social, human and academic.

Keywords: Memory. Eroticism. *Missa do Galo*, by Machado de Assis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MULHER, CASAMENTO E SOCIEDADE NO SÉCULO XIX.....	16
2.2 DESEJOS E INTERDIÇÕES.....	18
2.3 O CONTO MACHADIANO E A INTIMIDADE BURGUESA.....	20
3 A PERCEPÇÃO DO ERÓTICO EM MISSA DO GALO.....	23
3.1 AS MEMÓRIAS DE NOGUEIRA.....	23
3.2 A MULHER.....	25
3.2.1 AS TRAMAS SENSUAIS	26
3.3 ESTÁGIOS DE SEDUÇÃO	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	32

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis, estava à frente do seu tempo, tratava de assuntos relacionados à subjetividade, de modo que o leitor, ao ter contato com sua escrita, independente do período, perceberá que seus conteúdos são relacionados à ética e a moral de uma sociedade. Um escritor artilheiro que oferece diversas possibilidades de leitura em um texto por estar sempre atento aos costumes da sociedade, investigando o caráter das pessoas e a maneira como se posicionam no mundo. Enquanto traçou um preciso estudo das profundezas da alma humana, construiu vários documentos de época.

Sua escrita rebuscada costumava tratar de assuntos sobre a natureza humana, muitas vezes, embutidos nas entrelinhas dos textos, capazes de despertar reflexões críticas sobre temas como casamento, traição, sedução, desigualdade social, vaidade, egoísmo, violência, mostrando seu interesse em investigar as causas profundas do comportamento humano e, ao fazer isso, denunciar que o homem é um ser instável, interesseiro, preocupado apenas com seu bem-estar.

Levando em consideração tal escrita, a presente pesquisa busca analisar o conto *Missa do Galo*, no qual o autor consegue despertar, em seu leitor, a curiosidade por busca de detalhes que tratam a possibilidade de erotismo criada a partir da memória do narrador, ao reconstruir uma passagem de sua adolescência, observando a linguagem não verbal através de gestos e, em alguns detalhes da cena (ambientação), pois, o autor deixa pormenores subentendidos.

Os questionamentos surgiram a partir de uma aula de Literatura Brasileira, com a professora Ana Remígio, quando trabalhou com o referido conto: os personagens pareciam ter vida em minha mente no momento da leitura e descrição do texto, ou seja, parecia que eu era o narrador onipresente de seus relatos e conseguia visualizar detalhes da cena. Então, surgiu a curiosidade em investigar o processo entre o sujeito desejante, o sujeito desejado e a sensualidade entre os corpos das personagens. A partir daquele momento, precisávamos entender o modo machadiano de construção da narrativa, a composição de um jogo cênico (entre personagens e ambientação) com aspectos eróticos.

No tocante aos objetivos, nossa pesquisa tem como objetivo geral investigar os elementos relacionados ao erotismo presente na cena e a linguagem corporal dos personagens para determinar uma possível ambientação de sensualidade/erotismo.

Para tanto, os objetivos específicos foram organizados da seguinte maneira: primeiro vamos apresentar a mulher, o casamento e a sociedade no século XIX. Em seguida, abordar conceitos teóricos sobre a percepção do erótico no conto *Missa do Galo*,

Diante dessa perspectiva, buscou-se, inicialmente, a base teórica sobre memória, com Eclea Bosi, em seus escritos sobre *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (2001). Em seguida, sobre o Erotismo, apoiamos-nos na obra de Georges Bataille, *O Erotismo* (1987); para a contextualização sobre a situação da mulher e da sociedade, no século XIX, baseamos-nos nos textos de Mary del Priore, dentre eles, *História Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil* (2011).

Desse modo, o presente trabalho visa apresentar uma contribuição para a investigação literária, gerando conhecimento por meio das possíveis respostas aqui apresentadas. Para isso, a segunda parte da pesquisa revela a intenção proposta inicialmente, pois tem a finalidade de explicitar melhor o problema, apresentando nuances que permitissem uma análise diante da teoria já sistematizada na primeira parte.

Além disso, a pesquisa foi desenvolvida a partir da hipótese de que há um erotismo presente na cena do conto *Missa do Galo*, compreendendo o lado subjetivo criado no imaginário do jovem Nogueira, a partir do momento que sua libido é despertada.

Desse modo, a estrutura do trabalho contempla a concretização desse arcabouço metodológico, estando o desenvolvimento do trabalho delimitado em três capítulos bem definidos, sendo o primeiro esta Introdução, que traz esclarecimentos quanto aos objetivos e à metodologia, apresenta o referencial teórico básico e delinea o conteúdo dos demais capítulos; o segundo *Mulher, casamento e sociedade no século XIX*, dedica-se a uma contextualização da sociedade burguesa brasileira, no referido século, com destaque para o papel da mulher; finalmente. No terceiro capítulo, *A percepção do erótico em missa do galo*, dedicamos-nos à análise e interpretação proposta, que visa os elementos erotizantes da narrativa-memória.

Assim, a metodologia do nosso trabalho tem como ponto inicial uma pesquisa bibliográfica, compreendendo, mais adiante, um processo de leitura analítica, em que vamos perscrutar a cena do conto *Missa do Galo* e interpretar os elementos coletados na pesquisa. Vale salientar que, em nossa hipótese de leitura, observamos a memória de Nogueira. Portanto, a cena está ligada ao subjetivo do personagem-narrador.

2 MULHER, CASAMENTO E SOCIEDADE NO SÉCULO XIX

A mulher do século XIX tem papel bem definido (e limitado) na sociedade. Vários setores sociais empenhavam-se no controle e limitação da participação feminina, como, por exemplo, a Igreja, um dos mais ferrenhos regularizadores. Com a intenção de normatizar os valores cristãos por meio do matrimônio, a Igreja Católica definiu e idealizou que um casal deveria unir-se perante a Igreja e definiu o Concílio de Trento, em 1545, que serviu como instrumento na luta contra a Reforma protestante e em favor da difusão do catolicismo no Novo Mundo. Diante disso, a família deveria ser sacramentada pelo matrimônio para educar os filhos segundo os preceitos cristãos, e assim, aderir às normas e aos valores da Igreja Católica, repassados de geração a geração. Mary del Priore (2013, p.10) esclarece que:

Pobre ou rica, a mulher possuía, porém, um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido.

A presença da mulher foi fundamental àquele contexto pois, apesar da dependência de pais e maridos, era responsável por educar os filhos, ensinando-os a rezar, pronunciar o santo nome de Deus, confessarem-se com regularidade, ir às missas e festas religiosas. A mulher era criada para casar, devendo submissão ao seu cônjuge, cuidar do lar e dos filhos, somente.

De acordo com Priore (2011, p. 66), muitas mulheres de trinta anos, presas ao ambiente doméstico, perdiam rapidamente os traços de beleza, deixando-se ficar obesas e descuidadas. A mulher casada vestia-se de preto, não se perfumava mais, não amarrava seus cabelos com laços ou fitas, nem usava vestidos novos. Sendo assim, sua função era ser mulher casada, para ser vista apenas por seu companheiro que, desse modo, tinham como prática trocar sua esposa por mulheres mais jovens – havendo uma muda concordância social sobre tal comportamento. Este aspecto mostrar-se-á significativo em nosso objeto de estudo.

Segundo Priore (2013, p. 9), embora a presença feminina fosse importante no núcleo familiar, a mulher era mantida enclausurada, só podia sair de casa para ser batizada, casar-se ou ser enterrada. Havendo confronto de sua parte, era considerada

louca ou um “diabo doméstico”, era isso que diziam os sermões dos padres que difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como uma serpente. Essa ideia remete ao fato de Eva ter conversado com uma serpente, no que se refere à Bíblia Sagrada. No imaginário cristão, Maria, mãe de Jesus, era o exemplo de pudor, pureza, severidade e castidade.

2.1 UM BREVE HISTÓRICO

Com a chegada dos portugueses à costa brasileira, muitos homens para cá se deslocaram, visando a colonização/exploração do novo mundo, havendo a posterior importação de milhares de escravizados africanos para trabalharem nos engenhos. Houve escassez de mulheres europeias naquele momento e a presença das indígenas favoreceu a miscigenação e fortaleceu o concubinato, ou seja, a união estável de um homem e uma mulher que não são casados. Padre Nóbrega pediu que enviassem, de Portugal, órfãos e prostitutas para povoar a nova terra.

Dessa colonização agrária e escravista surgiu o patriarcalismo brasileiro que garantia a união entre parentes, a obediência de escravizados e a influência política de um grupo familiar sobre os demais. A mulher tinha que se submeter a essa lei. O chefe da família exercia autoridade sobre todos. Seu poder sobre a mulher era absoluto.

Além disso, ainda de acordo com Priore (2013), baseado no incentivo da Igreja Católica, a relação de poder explícita na escravidão refletia, também, na vida conjugal, condenando a mulher a ser uma escrava doméstica, ocupando seu tempo com costuras, bordados e no preparo de alimentos. O arquétipo familiar passou a variar nessa mesma época, embora o ideal fosse pai, mãe, filhos e até mesmo agregados, as famílias se multiplicaram e outros tipos surgiram: solteiros, viúvos, mulheres sem maridos com filhos e sem pais. Os escravos, homens livres e forros viviam de um modo e os senhores da elite, de outro.

Em seus estudos, Priore (2013, p.11) evidencia que somente a mulher casada, independentemente de sua condição social, alcançava respeitabilidade, desde que se mantivesse sob as ordens do marido. Sem escolha e dotes, mulheres pobres se amasiavam por proteção. As relações inter-raciais não eram reconhecidas pela Igreja.

Desse modo, as pessoas se escolhiam porque se gostavam, trabalhavam e criavam seus filhos. Por terem medo de ir para o inferno, buscavam a Igreja no final

de suas vidas para pedir a extrema-unção de um padre e confessar seus pecados. Entre brancos pobres, a situação era a mesma. Contudo, havia respeito e solidariedade tanto em um tipo de família, como em outro.

Nas famílias de posse, o casamento não apresentava o afeto como preponderante. Devido a fatores econômicos e políticos envolvidos na escolha matrimonial, havia pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem grande peso nessa decisão. Havia também violência e tensões em ambas. Não só violência física, na forma de surra e açoites, mas a violência do abandono, do desprezo e do malquerer.

Devido a falta de métodos eficazes para evitar filhos, as famílias eram numerosas e possuíam quantidade elevada de crianças. Bastardos, criados sem condição de higiene, com muitas dificuldades, diversas vezes, adoeciam e morriam antes de completarem um ano de vida. Quando sobreviviam, logo cedo eram escravizadas nas pequenas propriedades de exploração familiar, tornando-se mais um contribuinte para garantir o sustento familiar.

2.2 DESEJOS E INTERDIÇÕES

Para tais perspectivas apresentadas sobre os direitos e deveres da mulher do século XIX, em relação ao assunto sexualidade, Perrot (2007) relata que o sexo das mulheres devia ser protegido, fechado e possuído. Daí a importância atribuída ao hímen e à virgindade, principalmente pelo Cristianismo, que fez da castidade e do celibato um estado superior.

Até se casarem, as mulheres quase nunca saíam de casa, a não ser sob a vigilância da mãe. A companhia de homens, estranhos ao âmbito familiar, lhes é absolutamente proibida. Nesse sentido, é atribuído à mãe da jovem o cargo de extrema confiança que, por caridade cristã, assume um honrado papel de alcoviteira.

Para a Igreja, a única razão cabível para a anulação do casamento seria a infidelidade, que violava a honra conjugal. Era considerada falta grave, porém colocava a mulher numa situação inferior do ponto de vista jurídico. Segundo o jurista Clóvis Beviláqua: “O antigo direito português punia o adultério com pena de morte, tanto para a mulher casada quanto para o seu cúmplice, mas as infidelidades masculinas, descontínuas e transitórias, não eram consideradas atos puníveis”.

(PERROT, 2011, p.70), ou seja, de qualquer modo, a mulher não tinha direito de impor seus desejos e vontades, pois estava sempre à mercê da sociedade da época.

Ainda assim, a mulher do século XIX confunde-se com seu sexo e é justamente a sexualidade que marca sua função e seu lugar na sociedade. Para tanto, a sexualidade feminina é considerada um mistério, pois apresenta dois pólos divergentes: a avidez e a frigidez:

Avidez: o sexo das mulheres é um poço sem fundo, onde o homem se esgota, perde suas forças e sua vida beira a impotência. É por isso que para o soldado, o atleta, que precisam de todas as suas forças para vencer, há a necessidade de se afastarem das mulheres. Segundo Kierkegaard, "a mulher inspira o homem enquanto ele não a possui". Essa posse o aniquila. Esse medo da sexualidade da mulher que não se pode jamais satisfazer é a origem do fiasco, temor constante de Stendhal. Frigidez: a ideia segundo a qual as mulheres não sentem prazer, não desejam o ato sexual, uma canseira para elas, é bastante difundida. Balzac, em *La Physiologie du mariage*, texto alusivo e preciso ao mesmo tempo, mostra mulheres que alegam estar com enxaqueca para furtar-se ao dever conjugal, o qual, no entanto, é prescrito por seus confessores (PERROT, 2007, p. 63).

De acordo com Priore (2011, p.73), não faltavam critérios de beleza no século XIX. Partes do corpo sexualmente atrativas designavam entre tantas jovens casaduras as mais desejadas. Esses lugares de desejos, hoje não fazem o menor sucesso, pois:

Tais mulheres tinha seus corpos inteiramente cobertos e o que sobravam eram as extremidades. Mãos e pés eram os mais atraídos por olhares e atenções masculinos. As mãos tinham que ser longas e os dedos finos, acabando em unhas arredondadas. Os pulsos quanto mais finos melhor. Os pés, por sua vez, tinham que ser pequenos, finos, terminando em ponta; a ponta era a linha de mais alta tensão sexual. Os pés enlouqueciam os homens, eram o fetiche da época (PRIORE, 2011, p. 74).

As mãos e os pés femininos significavam a substituição da genitália, despertando a sexualidade na imaginação do homem. Nos trechos acima, percebe-se que a mulher, além de vida limitada aos interesses masculinos, tinha seus desejos e sentimentos caracterizados como um mistério no imaginário do homem. Pensando nisso, ampliaremos nossa discussão nos tópicos seguintes, pois de acordo com Bataille (1987, p. 42):

Às vezes um interdito intangível é violado, mas isto não quer dizer que tenha deixado de ser intangível. Podemos mesmo ir até à proposição absurda: 'O

interdito existe para ser violado'. Esta proposição não é, como parece inicialmente, um desafio, mas o enunciado correto de uma relação inevitável entre emoções de sentido contrário. Sob o poder da emoção negativa, devemos obedecer ao interdito. Nós o violamos se a emoção for positiva. Não é da natureza da violação cometida suprimir a possibilidade e o sentido da emoção oposta: ela chega mesmo a ser sua justificativa e sua origem.

Em consonância a isto, Branco (1984, p. 69) destaca que: “o erotismo deriva de impulsos sexuais, mas é capaz de ultrapassá-los e de se revelar mesmo em contextos onde é grande a repressão da sexualidade, mesmo em caso de extrema sublimação dos impulsos sexuais”.

Diante disso, o erotismo, no contexto do conto *Missa do Galo*, conta com um clima geral de proibição, pois a função fisiológica da sexualidade que se relaciona à reprodução continuará existindo, pois implicará no prazer e em certo volume de desejo, mas, em cima desta atividade, em função do risco de reprodutividade, de interesses de múltiplas razões, inclusive religiosas, que se criou uma série de proibições.

O erotismo, no entanto, corresponde a uma espécie de transgressão às regras sobre o interdito. Dessa maneira, o sexo só é permitido dentro de certos padrões. No casamento, por exemplo, e, mesmo aí, transcorrendo a partir de normas restritivas sobre o prazer, visto que é considerado apenas sob o aspecto de reprodução.

Ainda de acordo com Priore (2011, p. 67), no século XIX “o adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais, fazia-se amor com as esposas quando se queria descendência, o resto do tempo era com a outra.

A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina, já a falta de fidelidade masculina era vista como um mal inevitável que se havia de suportar”, ou seja, partindo do pressuposto de que, diante de tais abordagens teóricas, é cabível ressaltar, mais uma vez a questão do jogo imagético de Nogueira (o narrador do conto em análise) diante de sua narrativa.

2.3 O CONTO MACHADIANO E A INTIMIDADE BURGUESA

Machado de Assis, foi escritor natural do Rio de Janeiro, nasceu em 21 de junho de 1839. Filho de um pintor, Seu Francisco José de Assis, e de uma imigrante portuguesa, dona Maria Leopoldina. Teve uma infância difícil no bairro do Livramento

no Rio de Janeiro. Casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novaes. Falecido em 29 de setembro de 1908, estava à frente do seu tempo, tratava de assuntos relacionados à subjetividade de modo que o leitor ao ter contato com seus livros, contos, poesias, romances, independente do período, perceberá na sua escrita conteúdos relacionados a ética e a moral de uma sociedade.

No conto machadiano, é factível percebermos a escrita artilosa, a qual nos oferece diversas possibilidades de leitura, hermenêutica, interpretação e imagens. Percebe-se em sua escrita que os enredos são arquitetados para a reflexão sobre a vida, a arte, a alma humana.

Revelando muito da moral machadiana, em geral é pessimista, descrente do ser humano e da sociedade. Os contos do *bruxo do Catete* primam pela técnica extraordinária e pela riqueza da linguagem. Mas é em seu senso crítico, nos entretons sugestivos e na afinadíssima sensibilidade que estão seus maiores trunfos” (PROENÇA, 2014, p. 119).

Assim, compreendemos que pelo fato de o autor estar sempre atento aos costumes da sociedade, indagando intimamente sobre o caráter das pessoas, observando a maneira como se posicionam no mundo, traçou um preciso e minucioso estudo das profundezas da alma humana e construiu vários documentos de época. Além de escrever de maneira rebuscada, costumava tratar de problemas humanos, muitas vezes embutidos nas entrelinhas dos textos, capazes de despertar reflexões críticas sobre temas como casamento, traição, sedução, desigualdades sociais, vaidade, egoísmo, violência.

Mostrava, assim, seu interesse em investigar as causas profundas do comportamento humano e, ao fazê-lo, denuncia o homem como um ser instável, interesseiro, preocupado apenas com seu bem-estar.

Dessa forma, levando em consideração tal escrita, a presente pesquisa busca analisar o conto *Missa do Galo* de Machado de Assis, no qual o autor consegue despertar, entre tantas possibilidades, a curiosidade pela busca de detalhes que tratam a possibilidade de erotismo criada a partir da memória do narrador, ao reconstruir uma passagem de sua adolescência, observando a linguagem não verbal através de gestos e, em alguns detalhes da cena (ambientação), pois, o autor deixa pormenores subentendidos.

3 A PERCEPÇÃO DO ERÓTICO EM MISSA DO GALO

O conto *Missa do Galo*, de Machado de Assis, é o relato de um homem (Nogueira), que rememora uma noite, quando ele, aos dezessete anos, teve uma conversa com uma mulher casada (Conceição), de trinta anos, em uma noite de Natal, enquanto estava à espera de um amigo para ir à *Missa do Galo*. Logo no primeiro parágrafo do conto, observa-se a descrição da memória do personagem principal: “Era noite de Natal. Havendo ajustado com um vizinho irmos à missa do galo, preferi não dormir; combinei que eu iria acordá-lo à meia-noite” (ASSIS, 2014, p. 71).

A partir dos relatos de memória de Nogueira, nota-se que suas lembranças são antigas e que, no momento de seu despertar imaginante, ele apresenta os detalhes de sua narrativa conforme vai descrevendo a cena a partir de sua recuperação do ocorrido:

Costumes velhos. Às dez horas da noite toda a gente estava nos quartos; às dez e meia a casa dormia. Nunca tinha ido ao teatro, e mais de uma vez, ouvindo dizer ao Meneses que ia ao teatro, pedi-lhe que me levasse consigo. Nessas ocasiões, a sogra fazia uma careta, e as escravas riam à socapa; ele não respondia, vestia-se, saía e só tornava na manhã seguinte. Mais tarde é que eu soube que o teatro era um eufemismo em ação. Meneses trazia amores com uma senhora, separada do marido, e dormia fora de casa uma vez por semana (ASSIS, 2014, p. 71).

Nogueira concentra-se em um momento específico de seu passado, buscando, na referida noite de Natal, resgatar as impressões sobre o inesperado encontro, na sala, com a esposa de Meneses. Nossa análise busca perscrutar aquele momento, em busca da emergência de aspectos erotizantes, a partir de aspectos subjetivos, ligados a configuração dada pelo narrador.

3.1 AS MEMÓRIAS DE NOGUEIRA

O ponto de partida da análise em questão é a memória do narrador-personagem apresentado no conto *Missa do Galo*. É importante ressaltar que se trata da memória de uma personagem, apresentando, portanto, uma possível versão dos fatos, permeada pelo caráter seletivo do narrador, mostrando detalhes que podem não corresponder, fielmente, ao ocorrido, deixando evidente a subjetividade de quem conta a narrativa.

O conto *Missa do Galo* é narrado em 1ª pessoa. Conforme Friedman (1991, p. 43), pode ser o narrador testemunha, pois ele narra em 1ª pessoa, mas é um 'eu' interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos, e, portanto, dirigindo-se ao leitor de modo mais direto, buscando dar um caráter mais verossímil. Dessa forma, vemos o narrador do conto machadiano apresentando elementos detalhados que confirmam ao relato caráter verossímil:

A casa em que eu estava hospedado era a do escrivão Meneses, que fora casado, em primeiras núpcias, com uma de minhas primas. A segunda mulher, Conceição, e a mãe desta acolheram-me bem, quando vim de Mangaratiba para o Rio de Janeiro, meses antes, a estudar preparatórios. Vivia tranquilo, naquela casa assobradada da rua do Senado, com os meus livros, poucas relações, alguns passeios. A família era pequena, o escrivão, a mulher, a sogra e duas escravas (ASSIS, 2014, p. 71).

Percebe-se, dessa forma, que Nogueira apresenta-se como narrador-protagonista, sem onisciência: “O narrador personagem central não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às percepções, pensamentos e sentimentos” (FRIEDMAN, 1991, p. 42), como fica evidente, ao apresentar Conceição, como passiva, subjugada, a partir de suas observações: “Boa Conceição! Chamavam-lhe ‘a santa’, e fazia jus ao título, tão facilmente suportava os esquecimentos do marido” (ASSIS, 2014, p. 72).

Segundo Bosi (2001, p. 55), na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. Nogueira demonstra em sua narrativa tal processo: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora, há muitos anos, contava eu dezessete, ela trinta” (ASSIS, 2014, p.71). Tais relatos são apresentados, mas não se sabe ao certo em que momento da vida de Nogueira essa memória foi ativada.

Para Wunenburger (2007, p.13) o imaginário é compreendido como um tecido de imagens passivas e sobretudo neutras, não dotadas de existência verdadeira alguma. Só a imaginação se vê investida de propriedades criadoras e é o que acontece no processo de rememoração, como o do narrador de *Missa do Galo*, ao relatar o que se configura, aparentemente, com o despertar da sexualidade.

Partindo dessa hipótese de leitura, primeiro, apresentaremos as características de Conceição descritas por Nogueira. Em seguida, analisaremos os detalhes de uma

possível ambientação erotizada a partir da memória do personagem-narrador, em que ele descreve seu comportamento face à libido despertada.

3.2 A MULHER

Diante dos relatos descritos por Nogueira sobre Conceição, o narrador personagem apresenta-a como uma mulher “com temperamentos moderados, sem extremos [...], que aceitaria um harem, com as aparências salvas” (ASSIS, 2014, p.72). Para ele, Conceição tinha um modo discreto, pois “não dizia mal de ninguém, perdoava tudo” (ASSIS, 2014, p. 72).

Uma mulher solitária que se considerava velha e sabia das traições de seu marido Meneses, mas suportava tudo calada: “Conceição padecera, a princípio, com a existência da comborça; mas, afinal, resignara-se, acostumara-se, e acabou achando que era muito direito” (ASSIS, 2014, p. 72 – grifo nosso).

Ademais, na noite de Natal, ao ter sua libido despertada em virtude do encontro casual, na sala de estar da casa, o jovem rapaz passa a visualizar Conceição, que é comprometida, de um modo diferente. Ora aponta a cordialidade de mulher casada, ora demonstra uma sensualidade, deixando uma dualidade ao que de fato ela representava para ele naquele momento: “A vista não era nova para mim, posto também não fosse comum; naquele momento, porém, a impressão que tive foi grande” (ASSIS, 2014, p. 75 – grifo nosso), ou seja, ele a via sempre, mas não do modo que estava percebendo naquela noite.

Vale salientar que, o momento era oportuno para o interdito, pois tratava-se de uma noite, horário habitual de descanso dos moradores da casa. Naquele momento, apenas o jovem e Conceição encontravam-se acordados e Meneses estava ausente. A ambientação e as poucas luzes também contribuíram para uma possível eroticidade da cena, haja visto que o próprio Nogueira narra que o seu foco, ali, deixou de ser o livro que lia: “a presença de Conceição espertara-me ainda mais que o livro. Continuei a dizer o que pensava das festas da roça e da cidade, e de outras coisas que me iam vindo à boca” (ASSIS, 2014, p. 75).

Nogueira demonstra perceber, a partir do aguçamento dos sentidos, detalhes que, até então, não observara na mulher de Meneses:

As veias eram tão azuis, que apesar da pouca claridade, podia contá-las do meu lugar [...] Falava emendando os assuntos, sem saber por quê, variando deles ou tornando aos primeiros, e rindo para fazê-la sorrir e ver-lhe os dentes que luziam de brancos, todos iguaizinhos. Os olhos dela não eram bem negros, mas escuros; o nariz, seco e longo, um tantinho curvo, dava-lhe ao rosto um ar interrogativo. [...] (ASSIS, 2014, p. 75).

Demonstrando uma maior atenção a elementos corporais da mulher de Meneses, detalhando facetas que revelam desde do sorriso, características dos olhos e do rosto, detalhando com atenção os motivos que despertavam sua atração por aquele corpo feminino.

Diante disso, apresentaremos a seguir, como Nogueira detalha a atenção que deu para o corpo de Conceição demonstrando o interdito e o despertar de sua libido.

3.2.1 AS TRAMAS SENSUAIS

Para Bataille (1987, p. 3), a essência do erotismo é a transgressão por excelência, dado que ele é resultado da atividade sexual humana enquanto prazer e, ao mesmo tempo, consciência do interdito. No trecho a seguir, observa-se que Nogueira aborda tais detalhes:

Tal foi o calor da minha palavra que a fez sorrir. De costume tinha os gestos demorados e as atitudes tranquilas; agora, porém, ergueu-se rapidamente, passou para o outro lado da sala e deu alguns passos, entre a janela da rua e a porta do gabinete do marido. Assim, com o desalinho honesto que trazia, dava-me uma impressão singular. Magra embora, tinha não sei que balanço no andar, como quem lhe custa levar o corpo; essa feição nunca me pareceu tão distinta como naquela noite. Parava algumas vezes, examinando um trecho de cortina ou consertando a posição de algum objeto no aparador; afinal deteve-se, ante mim, com a mesa de permeio. Estreito era o círculo das suas ideias; tornou ao espanto de me ver esperar acordado (ASSIS, 2014, p. 74 – grifos nossos).

No excerto acima destacado, o narrador revela que a mulher não se encontrava em sua apresentação social, ou, em suas palavras, encontrava-se em “desalinho”. No entanto, em adjetivação imediatamente posterior, deixa claro não a julgar leviana ou inconsequente, entendendo tal desalinho como “honesto”, fruto do acaso, pois mostrou-se espantada ao encontrá-lo na sala:

- Eu gosto muito de romances, mas leio pouco, por falta de tempo. Que romances é que você tem lido? Comecei a dizer-lhe os nomes de alguns. Conceição ouvia-me com a cabeça reclinada no espaldar, enfiando os olhos por entre as pálpebras meio-cerradas, sem os tirar de mim (ASSIS, 2014, p. 73)

Com essa premissa, é válido dizer que o enredo do conto *Missa do Galo*, como já foi dito, baseia-se nos pensamentos de um homem adulto, que detalha uma noite, quando jovem, quando conversava com uma mulher casada (e solitária), em uma noite de Natal: um imprevisto encontro com a dona da casa, em trajes de dormir, o que não condiz com os códigos sociais burgueses da época, construindo, dessa forma, uma não planejada atmosfera de intimidade entre ambos.

3.3 ESTÁGIOS DE SEDUÇÃO

No conto *Missa do Galo*, o enredo acontece na sala de estar da casa de Meneses. Em nossa hipótese de leitura a cena descrita por Nogueira mostra detalhes no qual o interdito se faz presente em vários momentos da narrativa. Por exemplo, a maneira como Conceição se apresenta e se comporta no momento da conversa com o jovem rapaz:

Pouco a pouco, tinha-se inclinado; fincara os cotovelos no mármore da mesa e metera o rosto entre as mãos espalmadas. Não estando abotoadas, as mangas, caíram naturalmente, e eu vi-lhe metade dos braços, muitos claros, e menos magros do que se poderiam supor (ASSIS, 2014, p. 74).

Segundo Pease (2005, p. 199), toda mulher, no processo de conquista, faz uso de recursos que compõem o jogo da sedução, pois como em qualquer espécie, a corte humana segue uma sequência previsível de cinco estágios, na qual ele descreve como estágios da sedução que podem dar a impressão de secundários e irrelevantes, mas são decisivos para o início de qualquer flerte:

- 1- Troca de olhares, quando do outro lado da sala, ela localiza um homem que lhe agrada. Espera que ele perceba, sustenta os olhos durante cinco segundos e o desvia. Agora é ele que olhando para ver se ela olha novamente. A mulher precisa dar esse olhar umas três vezes. Em média, para o homem compreender o que está acontecendo. Estágio 2. Ela lança um ou mais sorrisos fugazes, na verdade meios-sorrisos destinados a dar ao homem o sinal verde à abordagem. Estágio 3. Compostura: Ela se senta ereta para destacar os seios e cruza as pernas ou tornozelos para valorizá-los ou, se estiver em pé, requebra os quadris e inclina a cabeça na direção de um dos ombros. Passa a língua nos lábios, mexe no cabelo [...]. Ambos têm os pés, ou o corpo inteiro, apontados para o outro. Estágio 4. Ele se aproxima e diz qualquer coisa como 'Nós já não nos vimos antes'. E outras fases manjadas, exclusivamente destinadas a quebrar o gelo. Estágio 5. Ela procura uma oportunidade para dar um leve toque no braço dele, "acidental" ou não.

O toque na mão indica um nível de intimidade maior do que o toque no braço [...]” (PEASE, 2005, p. 199).

Esses jogos de seduções estão sempre ligados a elementos corporais dados como atraentes, buscando demonstrar uma maior sensualidade a partir da busca da conquista dos olhares masculinos. Esses estágios denotam as facetas de seduções utilizadas pelas mulheres e elucidam o trabalho da utilização de aspectos sensuais do corpo feminino.

Ainda de acordo com Pease (2005), os lábios faciais femininos têm espessura proporcional à dos lábios vaginais externos. Desmond Morris chama este fenômeno de “mimetização”, dado que se destina a simbolizar a genitália feminina. Para criar o efeito de convite sexual, a mulher dá aos lábios a aparência de molhados com o uso de cosméticos ou da própria saliva. Nogueira, em sua narrativa, destaca este elemento: “De vez em quando passava a língua pelos beiços, para umedecê-los.” (ASSIS, 2014, p. 73)

Segundo Bataille (1987, p, 26), “a verdade dos interditos é a chave de nossa atitude humana”, ou seja, ou o interdito age e a experiência não se realiza, ou só se realiza casualmente, permanecendo fora do campo da consciência. Ao fazermos uma alusão a narração de Nogueira, percebe-se que o clima de sensualidade apresentado parte do momento em que ele passa a observar Conceição de modo diferente, mesmo não tendo consciência naquele instante, e sim, após algum tempo ao lembrar aquela cena da noite de Natal, sem as emoções de então. Trata-se, pois, de um momento evocado e descrito na distância temporal. “O interdito observado fora do medo não tem mais a contrapartida de desejo que é o seu sentido profundo” (BATAILLE, p. 25): a evocação de Nogueira não é pelo desejo redivivo por Conceição, mas sim sobre um tempo de despertar.

Vale ressaltar que não há uma afirmativa em relação a atitude de Conceição, pois, mais uma vez, trazemos à nossa pesquisa que a narrativa em questão trata da descrição de uma lembrança em que não se pode afirmar as verdadeiras intenções dela.

Para tanto, Bataille (2005, p. 27) vai dizer que:

podemos saber exatamente que os interditos não são impostos de fora. Isto nos aparece na angústia, no momento que em que transgredimos o interdito, sobretudo no momento suspenso quando ele ainda atua, e que, mesmo assim, cedemos ao impulso a que ele se opunha.

Ou seja, por mais que Nogueira, naquele momento, não tivesse consciência que tais circunstâncias eram consideradas desaprovadas para a época, em seus relatos, ele menciona que Conceição o alertava sobre isso: “quando eu acabava uma narração ou uma explicação, ela inventava outra pergunta [...]. De quando em quando, reprimia-me: ‘Mais baixo, mais baixo!’ Conceição tinha receio que sua mãe acordasse” (ASSIS, 2014 p. 76).

No momento da transgressão, a angústia sem a qual o interdito não existiria: é a experiência do pecado. A noite de Natal para o cristianismo é considerada uma noite sagrada e pura, porque é a noite que representa o nascimento de Jesus. Nesta mesma noite o jovem Nogueira relata sua experiência aparentemente transgressora, da qual não se pode afirmar se houve ou não transgressão, pois ele também diz: “Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas. Contradigo-me, atrapalho-me” (ASSIS, p.76). A confusão do narrador deixa a dúvida: o comportamento da mulher era realmente transgressor, ou no desejo daquele jovem que, agora maduro, revisita uma emoção juvenil?

A experiência leva à transgressão realizada, à transgressão bem-sucedida que, sustentando o interdito, dele tira o prazer. A experiência interior do mutismo exige de quem a pratica uma sensibilidade bem maior ao desejo que leva a infringir o interdito que a angústia, que o funda. É a sensibilidade religiosa que liga sempre estreitamente o desejo e o medo, o prazer intenso e a angústia (BATAILLE, 1987, p. 26).

Ou seja, todo ser humano inserido na sociedade é criado por leis, religiosas ou morais, que interdita ou os param. O erotismo surge então, quando essas leis são rompidas. Vale ressaltar que, o erotismo não ocorre quando a lei é derrubada. É preciso manter a lei para gozar infringindo-a. Observemos o trecho a seguir:

Não saía daquela posição, que me enchia de gosto, tão perto ficavam as nossas caras. Realmente, não era preciso falar alto para ser ouvido; cochichávamos os dois, eu mais que ela, porque falava mais; ela, às vezes, ficava séria, muito séria, com a testa um pouco franzida. Afinal, cansou; trocou de atitude e de lugar. Deu volta à mesa e veio sentar-se do meu lado, no canapé. Voltei-me, e pude ver, a furto, o bico das chinelas; mas foi só o tempo que ela gastou em sentar-se, o roupão era comprido e cobriu-as logo. Recordo-me que eram pretas. Conceição disse baixinho: - Mamãe está longe, mas tem o sono muito leve; se acordasse agora, coitada, tão cedo não pegava no sono (ASSIS, 2014, p. 75).

Diante de tais explicações acerca da noite sagrada, pode-se inferir que, até o título do conto *Missa do Galo*, aparentemente, trata-se do despertar do jovem Nogueira e da sua maneira de observar uma mulher com olhar de desejo ao fazermos uma alusão com o canto do galo para demonstrar que já é dia pela manhã. Sabe-se que diante da escrita de Machado de Assis é até ousadia afirmar tal coisa, porém, apresentamos alguns elementos que caracterizam o erotismo presente na cena analisada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A monografia *Memória e Erotismo em Missa do Galo, de Machado de Assis*, apresentou uma análise do tema erotismo, abordado no conto em questão. Ao final de tais estudos, percebeu-se que há elementos eróticos presentes no conto, porém, não há uma afirmativa de sedução relacionada ao comportamento da personagem Conceição, pois, como foi citado ao longo das discussões, nota-se que a narrativa do personagem Nogueira foi descrita baseada em um momento de sua lembrança quando jovem, depois de adulto, não sendo possível inferir que a cena realmente tenha se desenvolvido daquela maneira.

Compreendemos que a pesquisa tem contribuição significativa para estudos sobre textos eróticos, com um viés acadêmico e como complemento sobre análises feitas pela escrita de Machado de Assis.

Para a compreensão da análise em questão, foi relevante o estudo sobre memória e erotismo que proporcionou a compreensão sobre o interdito relacionado ao erotismo, pois para Bataille (1987, p. 7), “o erotismo só pode ser objeto de estudo, se em sua abordagem, for o homem o abordado, de modo que ele não pode ser abordado independentemente da história do trabalho, independentemente das histórias das religiões”.

Diante disso, apresentamos os elementos básicos referenciados no texto com a intenção de demonstrar que a escrita de Machado de Assis nos leva a diferentes modos de interpretação. Para tal, a experiência de leitura e escrita foi imprescindível para compressão sobre a sensualidade apresentada no conto, a ideia de desejo e proibições acerca da memória e de uma personagem.

Pode-se concluir que, através da leitura, o ser humano é capaz de adquirir criticidade, levado a um possível crescimento acadêmico, social e humano com a intenção de contribuição de pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BIRMAN, Joel. **Cartografias do feminino**. São Paulo: 34, 1999.

BOSI, Eclea: **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BRANCO, Lúcia Castelo. **O que é erotismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes: **O foco narrativo (ou A polêmica em torno da ilusão)**. São Paulo: Ática, 1991.

PEASE, Allan. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PRIORE, Mary del. **História íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

PRIORE, Mary del. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

PRIORE, Mary del. **Conversas e histórias de mulher**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2013.

PROENÇA, Ivan Cavalcante. Introdução. In: ASSIS, Machado de. **Contos Consagrados**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014. p.5-119.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.